

## PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA DA CIDADE DE ALAGOINHAS-BA: NARRATIVAS E ARTES DO COTIDIANO

Ariel Dantas Barbosa (Pós-Crítica/UNEB)<sup>4</sup>

*Resumo:* Trata-se de uma reflexão sobre os modos de produção artística, cultural e subjetiva de pessoas em situação de Rua de Alagoinhas-BA. Buscamos observar como estes sujeitos se reinventam cotidianamente, que estratégias usam nesse sentido, como a arte que produzem, seja através da música, do artesanato, da escrita de textos etc., contribui para a sua estética da existência. Pretendemos também, sob a perspectiva da edição de textos, através do laboratório denominado Fábrica de letras, pensar a exclusão dessas narrativas de um circuito comercial ou mesmo escolar, ao tempo em que procuraremos editar uma coletânea desse material, como mais uma fonte de conhecimento, via produção alternativa e solidária. Considerando que ainda estamos organizando nosso trabalho de campo, para este momento objetivamos apresentar as reflexões teóricas condizentes com a pesquisa que estamos fazendo, além da interface com o laboratório de edição de textos considerando os modos de interdição dos discursos. Para tanto nos debruçaremos em textos de autores como: Foucault (1996), Hall (2003), Deleuze (1996) Guattari e Rolnik (1996), Moreira (2016), Klinger (2006), Arfuch (2010), Benjamin (1995) Jessé Souza(2015), Batista(2016), Santiago (1998), entre outros que tratam de temas como ordens discursivas, identidade, subjetividade em meio ao capitalismo, subalternidade e escrita de si etc. Dessa forma, percebemos com tais leituras as relações entre saber e poder, os modos de exclusão de discursos e de sujeitos em um contexto capitalista, assim como as formas subalternas de lutas, de embates subjetivos e identitários, apontando para uma escrita de si, da existência, que recorre às artes. Assim, vamos sendo levados a perceber nas narrativas, nas artes, nas histórias de vidas de sujeitos em situação de rua em Alagoinhas-BA, a desconstrução e reconstrução de um eu que resiste.

*Palavras-chave:* População de rua. Arte. Narrativa.

### INTRODUÇÃO

Trata-se de uma reflexão sobre a população em Situação de rua<sup>5</sup> que resiste a uma vida cercada de perigos e desafios cotidianos, em meio as cidades e de um tema ainda pouco discutido no ambiente científico, por ser uma parcela que ainda é esquecida por sua condição. Nessa perspectiva, entende-se que a desigualdade é ainda a principal fonte desse espetáculo diário que se passa nas ruas em um cenário de extrema subalternidade. Existem, segundo Batista (2016), diversos fatores que levam essas pessoas à rua: brigas familiares, uso de substâncias psicoativas, desemprego, dentre outros. Assim, no cenário da rua estão essas pessoas pouco conhecidas e estudadas que causam nos demais o medo e o nojo da proximidade. Dessa forma, não é difícil reconhecer pessoas em situação de rua, afinal é lá onde elas sempre vão estar, é de lá que virá a sua sobrevivência. Essas pessoas, que por motivos diversos tiveram que nela habitar, e a partir daí ter uma vida sem reconhecimento, vivendo literalmente nas ruas, ocupam lugares como coberturas de prédios, pontes, viadutos, lugares onde possam se proteger dos eventos ambientais, fazendo desses espaços suas casas, assim

---

<sup>4</sup> Mestrando em Crítica Cultural, UNEB, endereço eletrônico: arieldanttas@hotmail.com.

<sup>5</sup> Nesta dissertação optamos pelo termo “População em situação de rua” por trazer uma representação discursiva de estado transitório, momentâneo, que envolve fatores sociais e econômicos dentre outros como nos salienta (Batista, 2011). Sendo assim defendemos a ideia de que ele não mora na rua, ele está “vivendo uma situação de rua”, que nos leva a acreditar que esse sujeito pode novamente ser (re)inserido noutras redes, que o tire da sua situação atual.

como também adotam objetos menosprezados para o uso diário como estofado velho, panelas, papelão, dentre outros.

Na sociedade do controle não há mais necessidade de mosteiros, prisões, hospícios, campos de concentração para se impor uma regra de vida ou de morte, pois a confusão entre a realidade das formas de vida, e as formas de vida como simulacro e fetichização ameaça permanentemente destruir os critérios para a criação e a invenção de modos de vida como obra de arte por cada ser humano onde quer que habite (SANTOS, 2016, p. 67).

São seres humanos que vivem fora do contexto social hegemônico, vivendo sob a “égide” do império. São vidas vistas sem direito à saúde, lazer, educação. O que caracteriza essas pessoas são as condições econômicas, sociais e políticas que não são reconhecidas, sobrevivendo sob um controle que massacra aqueles que vivem fora do padrão estabelecido. Viver na rua é estar ligado a sofrimentos múltiplos, por mais movimentado que o lugar pareça estar, seus vínculos afetivos acabam sendo limitados, tornando assim, indivíduos solitários.

Diante dessa contextualização é importante abordar que nosso objeto de estudo compreende também relação da arte com a vida, através das narrativas, histórias de vida destes sujeitos e suas relações com a arte, compreendendo melhor suas formas subalternas de lutas e embates subjetivos indenitários, apontando para uma escrita de si, da existência que recorre as artes. As primeiras motivações dialógicas para a pesquisa foram, através do grupo de jovens do Centro espírita, que faziam entregas de sopa para essa população. Esse interesse, ainda na graduação, resultou numa pesquisa como trabalho de conclusão de curso (TCC) e em um desejo ainda maior voltado para grupos minoritários. Diante disso, houve o primeiro contanto, e, a partir de agora, almeja-se o segundo, acredito, de maneira diferente e mais potente, pensando esse sujeito além de um simulacro (SANTOS, 2016).

As vozes e as artes desses sujeitos são importantes para um posicionamento crítico, podendo e pensando sobre o desejo de lutar por melhores condições na conjuntura social. Essas reflexões sociais resultam no desejo da pesquisa, que ainda caminha a passos lentos, por um empoderamento cidadão dessa população (BATISTA, 2016). Discutir sobre pessoas em situação de rua, dentro do programa Pós-crítica, é disseminar conhecimento sob essa população e para a população de forma distinta de outros olhares, é olhar para esse sujeito de forma política e potente, como sujeitos que existem e resistem, e é o resistir através das histórias de vida e das artes que nos interessa, objetivando discutir, a partir da trajetória de vida das pessoas em situação de rua da Cidade de Alagoinhas-BA, supostos modos de subjetivação, estabelecendo relação, reflexão de como arte e vida se misturam nas suas narrativas.

Dessa forma, o trabalho apresenta-se como elemento singular para um novo olhar acerca desse público, uma nova forma de pensar, que se constrói através desse trabalho, que trará

elementos importantes das histórias destes sujeitos, através de narrativas, artes, pontuando elementos de suas trajetórias e desenvolvendo conhecimentos sobre esses sujeitos, através da sua própria produção. “A questão individual ampliada ao microscópio, torna-se muito mais necessária, porque outra história se agita no seu interior” (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 39). Assim o trabalho destina-se a discutir inquietações maiores, dispositivos debilitantes e estruturas maquinicas de destruição daqueles que se revelam diferentes do padrão instituído.

## **METODOLOGIA**

A reflexão sobre pessoas em situação de rua da cidade de Alagoinhas-Ba, no presente estudo, se constituirá como pesquisa de campo e bibliográfica. O primeiro passo será a realização de pesquisas bibliográficas, selecionando os teóricos e teorias para melhor compreensão do tema, fazendo também uma busca sobre os estudos já realizados na Bahia e no Brasil para analisarmos as obras com as quais nossos estudos farão um rizoma, fazendo com que passem intensidade (DELEUZE, GUATTARI, 1995).

Circunscrevendo-nos ao estudo sobre subalternidade, pessoas em situação de rua, autobiografia, narrativas, escrita de si, subjetividade, será necessário selecionar estudos já feitos na área. Sobre os sujeitos de nossa pesquisa, é preciso conhecer suas estratégias, seus modos de viver e operar, suas características, pretendendo compreender esses fenômenos, nos quais se inserem ou caracterizam o espaço hostil, composto por objetos reciclados, alimentação precária e o uso de substâncias psicoativas. Para a inserção no campo, objetiva-se a relação interdisciplinar entre técnicas etnográficas, antropologia visual, e o método de história oral para compreender a história de vida desses sujeitos. Convém destacar que nessa dissertação, nosso objeto compreende a arte da existência, as histórias de vida, como principal objeto, que configurem narrativas do “eu” dessas pessoas, sendo a (auto) biografia, portanto, o método que mais se aproxima do objetivo do trabalho. Sendo assim, o objetivo central é explorar de que forma essas narrativas destes sujeitos e arte “conversam” entre si, enfatizando a relação entre sujeito, subjetividade e escrita de si, analisando essa tríplice relação do sujeito.

Concordamos com Souza (2006) quando ele nos diz que a (auto) biografia é um método de investigação valioso, somente ela é capaz de se referir à construção da subjetividade, por expressar um conjunto de significados construídos pelo sujeito. De acordo com o autor, “a disposição para narrar é inerente a natureza humana, e está ligada a necessidade de conversar a experiência, imprimir ordem, estabelecer vínculos casuais entre os eventos vividos, de qualquer modo o si confere a sensação de controle” (SOUZA, 2006, p. 272). Analisando por uma linha Foucaultiana, estabelece-se no ato narrativo a relação de poder sobre sua vida, que nos expressa como indivíduos de forma natural.

A arte nesse espaço, apresenta-se como um espaço ainda mais subjetivo e também movediço, mas também de grande importância, em estreita ligação com as histórias de vida, que ainda não tivemos contato. As artes já foram percebidas através de uma pequena investigação, mas ainda não estudada sob a perspectiva que pretendo adotar. Dessa forma, a discussão que realizaremos nesse trabalho será de cunho teórico, buscando um aprofundamento necessário, discutindo, portanto, através de alguns autores, dentre eles, Foucault (1996), Hall (2003), Deleuze (1996) Guattari e Rolnik (1996), Moreira (2016), Klinger (2006), Arfuch (2010), Benjamin (1995) Jessé Souza (2015), Batista (2016), Santiago (1998), entre outros, temas como ordens discursivas, identidade, subjetividade em meio ao capitalismo, subalternidade e escrita de si etc. que nos auxiliará futuramente para a pesquisa de campo.

### **ALGUMAS DISCUSSÕES**

Através das leituras já realizadas é possível perceber a constante relação de poder vivenciada nesse ambiente, pois pessoas em situação de rua são a todo momento inferiorizadas pela população. Os olhares de desprezo, de medo, fazem com que esses sujeitos assumam, muitas vezes, posturas submissas, impossibilitando-os de protestarem por seus direitos, como saúde, educação, cultura, dentre outros. São homens, mulheres que não falam e não tem direito a “fala”, pois por sua classe econômica baixa, resultam no desprovimento de representantes para as suas políticas, estão presos a uma lógica de mercadoria e seu consumo o que os impede de superar uma situação de apagamento e silenciamento (SANTOS, 2016). Dessa forma, perceber uma relação entre arte com a vida, é conhecer um “eu” latente e potente que se esconde num corpo fragilizado, e é isso que nos interessa. Souza (2011) nos afirma que nossas histórias estão sempre nos acompanhando nas artes, como algo inconsciente que só a partir da narrativa, do diálogo, é capaz de se revelar. O relato é sempre vivência do vivido, é através dele que conseguimos compreender o outro e é ele o responsável por uma estruturação indenitária. A arte aqui mencionada como nos diz AGUIAR, Bastos (2013, p. 11) “Deixa de ser um núcleo relativamente definido e estável — como era, por exemplo, a forma no modernismo”. Nesse contexto, a arte desdobra-se como espaço de debate e desmonte dos discursos de opressão, apresenta-se como dispositivo de luta contra uma população hegemônica.

Por viverem num ambiente onde a relação de poder opera no ceio dela, as vozes desses sujeitos são silenciadas, e como aponta Foucault (1970), na sua obra *A Ordem do discurso*, todo discurso é controlado, organizado, manipulado, por quem detém o poder, construindo cadeias de ordens que os impedem de se expressar, por não existir valorização do que “produzem”, mas do que se é, enquanto seres em estágio marginalizado e fragilizado. Assim, a escrita de si apresenta-se nesse trabalho de maneira impetuosa, fruto de um silenciamento de “vozes” e corpos que não são ouvidos e enxergados por sua condição subalterna, visto que esse sujeito se percebe frente ao outro,

visualmente de maneira impotente, submissa. A escrita de si, as histórias de vida, nesse ambiente, apresenta-se como uma estratégia de (re)significação dessa pessoa, “a auto biografia, é desafiadora, provocativa, há nela muitos mistérios, o escritor ao escrever sua vida, engendra a si próprio”( SOUZA, 2011, p. 3). A história de vida permite e instaura o livre trânsito entre passado e futuro, como nos afirma a referida autora citada. Sendo assim,

A relação oblíqua entre arte e vida é passível de intervenção entre as duas instancias, sem que o lastro biográfico se defina pela empiria e pela interpretação textual baseadas em soluções fáceis e superficiais. A preservação da liberdade poética da obra na reconstrução de perfis dos escritores reside no procedimento de mão dupla, ou seja, reunir o material poético ao biográfico, transformando a linguagem do cotidiano ao ato literário (SOUZA, 2011, p. 24).

Eneida de Souza nos ratifica que há uma linha que liga a arte e vida, como um encaixe que funciona de maneira simultânea, como continuação e marca de sua infância. Assim, ouvir essas vozes silenciadas e refletir sobre elas junto a suas artes de existência, é enfrentar um sistema que sempre oprimiu esses sujeitos dando-lhe lugar de inutilidade. Arfuch (2010) em seu livro, *O espaço autobiográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*, nos diz que a autobiografia entra em contato com o “eu” que ainda não foi explorado e esse “eu” tem várias faces, cada história é íntima e particular, que se agitam no seu interior. É através da linguagem e só dela, que o sujeito se funda e apresenta seu “ego” assim como o exercício da subjetividade. O que está em jogo é o alcance dessas voz(es) que partilham de experiências semelhantes, fazendo assim narrativas do “eu” político. Assim, vamos sendo levados a perceber nas narrativas, nas artes, nas histórias de vidas de sujeitos em situação de Rua em Alagoinhas-BA, a desconstrução e reconstrução de um eu que resiste.

Em meio ao ambiente que ainda é deficitário, a “cultura” ainda é vista de maneira muito distante de suas realidades, percebida de forma distanciada, através de um pensamento hegemonicamente europeu sobre o que é cultura, pensando-a em um lugar que não cabe entrelugares, sujeitos invisibilizados e subalternos Assim, suas lutas como força simbólica é quase inexistente (SANTIAGO, 1998). Essas artes e narrativas tem o objetivo de se projetarem como campo de força, desnaturalizando o pensamento do que é popular, fazendo um movimento político dualista da população de rua e a comunidade de como pensar esses indivíduos. “Quero afirmar o contrário, que não existe uma cultura popular íntegra, autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e de dominações culturais” (HALL, 2003, p. 254). É exatamente essa luta desarmada, mas forte, que deve haver nesse campo, nessa dialética da luta de classes E é nessa luta que o sujeito se funda e potencializa-se, tornando-se visível, através de sua produção, logo é nesse sentido que se dá a cultura popular, onde as transformações são realizadas.

A Cultura popular configura-se como campo de força, como supracitado, nos levando a refletir com otimização sobre essas pessoas que são estereotipadas e colocadas num lugar de inutilidade.

Repensar, refletir, sobre o popular e cultural com base em Hall, nos impulsiona a potencializar essas vozes, artes, dando-lhe autonomia, e reforçando-as. Nesse sentido, Klinger (2006) também colabora afirmando a ideia de vida como um devir em transformação, ou seja, através desse (re)conhecimento, desse novo modo de se perceber, que recorre às narrativas e às artes, esse sujeito faz uma retrospectiva da vida, que resulta numa cisão interna do narrador que problematiza noção de identidade da própria voz narrativa, reconhecendo-se como um sujeito capaz de inserir-se na cultura. Nesse sentido a escrita de si apresenta-se como um caminho para a formação de identidade da população de rua.

Quando refletimos e valorizamos os relatos é pensando na possibilidade de expressão que estes trazem, naquilo que não pode ser revelado na escrita, em que só a expressão de falar é capaz de realizar. Assim pensamos melhor observar a escrita de si destes sujeitos, já que “ a escrita de si se apresenta sob a marca de memória de classe, do grupo, do clã, mas aparece como indagação de um eu” (KLINGER, 2006, p. 24) posicionando-se não mais como um sujeito passivo, mas crítico diante da relação com o mundo social, pois só através da linguagem que o sujeito constrói suas identidades sociais, e é ela também o nosso maior campo de estudo no trabalho.

## **(IN) CONCLUSÃO**

É necessário ressaltar que a temática população em situação de rua é de extrema importância, posto que (re) discutir essas questões de desigualdade social é fomentar conhecimentos que possibilitem estratégias que gerem um enfraquecimento do fenômeno população em situação de rua, criando dispositivos sociais que diminuam a pobreza. (BATISTA, 2016). Empreender uma investigação que constitui uma ponte entre esse fenômeno, pessoas em situação de rua, e a crítica Cultural, é pensar em ganhos que se diluem mutuamente. É importante frisar que enquanto cidadãos ganhamos lições de vida, tornando-se colaboradores e pesquisadores com olhares atentos, (re) significando um contexto, tendendo diminuir o apartamento com a sociedade.

Com isso, também levamos também esse sujeito a pensar seu próprio posicionamento social enquanto cidadão, além da disseminação de uma nova ordem sobre esse público, através da sua produção. Os autores discutidos acima nos auxiliam e fomentam novos modos de “fazer diferente” que refletem em nós, enquanto pesquisadores, uma visão diferente de pensar esse sujeito. Sabemos desde já sobre as dificuldades dessa luta, “ou seja, nem a luta armada nem o conformismo lambe botas, pois se a luta armada investe necessariamente na destruição da vida, o conformismo anula o ser e sua potência de resistir e de criar” (SANTOS, 2016, p. 56). Como argumenta o referido autor, as dificuldades dessas lutas continuam solicitando de nós visibilidade e não acomodação, acreditando que os problemas das classes menos favorecidas estão todas resolvidas. A alavanca do subalterno é o

não-resolvido, e é esse não resolvido, com o intuito de problematizá-lo, (re)pensar e auxiliar a questão, que nos impulsiona nesse trabalho.

## REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço Biográfico: Dilemas da subjetividades contemporânea*. EDURJ, 2010.

BENJAMIN.V. *A Obra de Arte na sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo Editora Brasiliense, 1995. p. 165-197.

COSTA, João. *Histórias de vida de pessoas em situação de rua da cidade de Natal\RN: Fotografias do trabalho em construção identitária individual*. 2016. 280.f.tese (doutorado em Linguística aplicada) Centro de Ciências Humanas, letras e artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. NATAL\RN.

DELEUZE, Guilles, GUATTARI, Feliz. O que é uma literatura menor. In. *Kafka para uma literatura menor*. Lisboa. Editora Minuit 2002.

DELEUZE.G; GUATTARI.F. *Mil platôs capitalismo e Esquizofrenia*. V edição. Rio de Janeiro. Editora 34, 1996. Volume3.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo. Ed. Edições Loyola, 2014.

SANTIAGO, Silvano. Democratização no Brasil: 1979-1981 (Cultura versus Arte) In: *Declínio da Arte e Ascensão da Cultura*. Florianópolis: ABRALIC\Letras contemporâneas 1998. p. 11-23

SANTOS. O. M. *A luta desarmada dos subalternos*. Belo Horizonte. EdUFMG. 2016.

SOUZA, C. E. *Auto biografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre/Salvador. Ed. Eduneb/Edipucrs. 2016.

SOUZA, Eneida. *Ensaio de crítica biográfica*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de Máriowsald. In: CUNHA, Eneida Leal (Org.). *Leituras Críticas de Silvano Santiago*. Belo Horizonte. Editora UFMG; São Paulo: Perseu Abramo, 2008. p. 23-50

HALL, Stuart. Da Diáspora identidades e mediações culturais. In. *Notas sobre a desconstrução do "popular"*. Ed. UFMG. 2003.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea*. 2006. 206 f. Tese (doutorado em Letras) Instituto de letras, Universidade do Rio de Janeiro, RJ.